

A Cracolândia de São Paulo e o campo do jornalismo: paradigmas e dependências¹

Cristiano Rodrigues da MOTA²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Discutir o papel do jornalismo na formatação de paradigmas e dependências envolvendo a Cracolândia da região central de São Paulo constitui-se no objeto central deste artigo. O estudo abrange um levantamento histórico sobre a formação e denominação da territorialidade, a partir de dados de sites, artigos, jornais e editoras. Inclui, ainda, a análise de debate político televisionado do ano de 2012. Ancorado nos conceitos de campo (BOURDIEU, 1997), da produção dos *media* (DIJK, 2005) e de representações sociais (MOSCOVICI, 2003), esta pesquisa pretende demonstrar que houve influência do jornalismo na criação – ou fixação – de paradigmas relacionados à Cracolândia, que vão da classificação, tratamento aos dependentes químicos à produção dos discursos políticos.

PALAVRAS-CHAVE: cracolândia; campo científico; jornalismo impresso; representação social; discurso.

Introdução

Desde que passou a existir como territorialidade (RUI, 2014, p. 94), na qual usuários e traficantes, entre outros ocupantes, encontram-se para estabelecer interações, a Cracolândia de São Paulo atrai e mantém olhares. Seja dos que passam pela região central da cidade, onde ela emergiu (RAUPP e ADORNO, 2010, p. 30), seja dos que querem entendê-la a partir de estudos nas várias áreas do conhecimento.

Recorrentemente, a Cracolândia motiva pesquisas na saúde e na sociologia, como aponta o Portal de Periódicos da Capes³. A plataforma oferece a possibilidade de

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicações e Artes da USP. Jornalista e pesquisador da comunicação política e membro do COMPOL – Grupo de Pesquisa em Comunicação Pública e Comunicação Política, e-mail: mota.cristiano@usp.br.

³ O Portal de Periódicos, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), é uma biblioteca virtual que reúne e disponibiliza a instituições de ensino e pesquisa no Brasil o melhor da produção científica internacional. Ele conta com um acervo de mais de 45 mil títulos com texto completo, 130 bases referenciais, 12 bases dedicadas exclusivamente a patentes, além de livros, enciclopédias e obras de referência, normas técnicas, estatísticas e conteúdo audiovisual.

busca em banco de dados, recurso utilizado como uma ferramenta para criação do indicador que ancora esta afirmação.

Dos 156 trabalhos registrados na base de estudos científicos on-line, entre artigos, resenhas, capítulos de livros e livros, 39 estão listados nas duas primeiras áreas mencionadas – abrangendo a medicina, os estudos sobre abuso, depressão mental, adição de drogas e etnografia. Os demais estudos centram-se nas vertentes da psicologia, antropologia, legislação, violência e outros⁴.

Esta tabulação leva em conta apenas as produções que abordam, estão relacionadas ou fazem alguma menção à Cracolândia. São trabalhos indexados na plataforma a partir de 2000.

Não por acaso, os trabalhos acadêmicos foram evocados. Apesar de apresentarem vieses distintos, todos têm, em comum, a palavra Cracolândia. Um substantivo próprio que carrega, per se, um conjunto imenso de significações, considerando que “signo é uma coisa que representa outra coisa: seu objeto” (SANTAELLA, 1985, p. 34).

Do ponto de vista dos estudos antropológicos e sociológicos, a Cracolândia da região central da cidade de São Paulo é entendida como um território não restrito ao conceito espacial. A região “mais famosa de uso de crack do país” (RUI, 2014, p. 94) é um espaço marcado pela sociedade direta das pessoas e que, estando também ancorado pela palavra, “delimita identidades” (ADORNO, RUI, SILVA, MALVASI, VASCONCELLOS, GOMES e GODOI, 2013, p. 6).

A história da Cracolândia é, “toda ela e desde o seu princípio, constituída de intervenções estatais violentas” (RUI, 2014, p. 289). E, embora não haja descrições nesse sentido, nos estudos científicos, pode-se atribuir à trajetória desse espaço mais um predicativo: a precursão.

É a partir desse novo lugar, que na década de 1990 ganhou status de “nação independente” no imaginário da cidade (RAUPP e ADORNO, 2010, p. 2.614), que se fixaram modelos. Dentre eles, o de classificação das pessoas em circulação no “fluxo”⁵, sendo perceptível “a construção de uma imagem desumanizada dos sujeitos ali inseridos” (SANTOS, 2018, p. 337). Modelo este criado com a contribuição do campo do jornalismo.

⁴ Consulta atualizada no dia 1 de junho de 2019, às 20h.

⁵ Fluxo é o termo usado para se referir à concentração de usuários de entorpecentes que, inicialmente, se encontravam na esquina da Rua Helvétia com a Rua Cleveland, no bairro da Luz, em São Paulo, para interações.

A Cracolândia de São Paulo

A Cracolândia da região central da cidade de São Paulo resulta de um processo de degradação urbana da região conhecida como Boca do Lixo, no bairro da Luz⁶. Fenômeno este iniciado “na década de 60, com a polêmica construção da rodoviária, ou como era conhecida oficialmente, Terminal Rodoviário da Luz”⁷.

Cabe ressaltar que a ocupação da região conhecida como reduto de usuários de drogas, tráfico e prostituição se deve a um passado de desenvolvimento, impulsionado pela indústria cinematográfica. A partir da década de 1920, a região começava a abrigar empresas, como: Paramount, Fox e Metro, que a escolheram pela facilidade de receber e despachar os aparelhos de filmagens e cópias dos filmes. Distribuidoras, fábricas de equipamentos especializados, serviços de manutenção técnica e outras empresas do ramo fixaram-se, posteriormente.

Em 1950, a cidade tinha uma população de 2.198.096⁸ e dimensões de uma grande metrópole mundial⁹. Contudo, carecia de um terminal rodoviário, construído após discussões que envolveram a Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo¹⁰ – publicações que exerceram grande influência sobre a identificação da Cracolândia, as políticas públicas que vieram a ser implantadas e, por conseguinte, a produção dos discursos políticos.

O primeiro jornal tornou-se parceiro do empreendimento inaugurado no último ano da gestão do então prefeito Adhemar de Barros. O segundo fez as seguintes críticas à colaboração:

O sr. A. de Barros ‘deu’ uma praça pública de presente a um grupo de seus apaziguados. Embora o fato possa parecer um simples gracejo, a verdade é que, sem concorrência pública, a Praça Júlio Prestes passou praticamente a ter donos. (O Estado de S. Paulo, 1961, p. 10).

⁶ Informação extraída do texto “Pelas ruas da Luz: a história da Cracolândia em três momentos”, disponível em: <https://paineira.usp.br/aun/index.php/2018/12/20/pelas-ruas-da-luz-a-historia-da-cracolandia-em-tres-momentos/> e de autoria de André Romani, Daniel Medina, Jade Rezende, Maria Paula Andrade, Matheus Souza e Vinícius Lucena.

⁷ Fonte: São Paulo Antiga, portal de internet criado pelo pesquisador e fotógrafo, Douglas Nascimento, e acessível em www.saopauloantiga.com.br/terminal-rodoviario-da-luz/.

⁸ Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Informação constante em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/notasaopaulo.shtm>.

⁹ Dados extraídos do site São Paulo Antiga.

¹⁰ Os jornais serão referenciados como Folha e Estadão, respectivamente.

A primeira Estação Rodoviária de São Paulo tinha um projeto arquitetônico marcante, com pastilhas coloridas nas paredes internas e um chafariz no hall central¹¹. Principal ponto de chegada e de partida da cidade, na época, o terminal registrava a circulação diária de 1.500 ônibus e atendia, aproximadamente, 70 mil usuários. Entretanto, o edifício havia sido construído em um área pequena e rodeada de ruas estreitas, conforme crítica publicada pelo Estadão. O jornal citou, ainda, que as vias seriam imprestáveis para oferecer ao tráfego um índice de vazão pelo menos razoável.

No ano de 1977, vários ramais de transporte foram transferidos para o Terminal Jabaquara. E, em 1982, houve a desativação total da estação rodoviária. Com isso, a então zona comercial que se sustentava com a chegada de visitantes do interior e de outros estados do país entrou em colapso. Hotéis, pensões, lojas, lanchonetes e restaurantes fecharam as portas devido à migração dos passageiros para o Terminal do Tietê.

Os usuários de crack apossaram-se da região nos primeiros anos da década de 1990 (RUI, 2014, p. 95) e, desde então, têm sido alvo de ações paliativas. As investidas de maior visibilidade feitas na Cracolândia pelas gestões da prefeitura de São Paulo ocorreram em 2012 (3 de janeiro), 2014 (23 de janeiro), 2015 (29 de abril e 1º de dezembro), 2016 (5 de agosto) e 2017 (21 de março). Em todas elas, a Polícia Militar esteve presente e, com exceção da primeira, nas demais houve emprego de armas de fogo e confrontos¹².

Jornalismo, paradigmas e dependências

A palavra Cracolândia surge a partir de atribuições dadas pela imprensa paulista, e em meados dos anos 1990. Na época, o centro de São Paulo registrava “grande concentração de usuários de crack” (RAUPP e ADORNO, 2010, p. 2.616). A presença deles – e dos traficantes – fez a região ser conhecida como “terra do crack” (RUI, 2014, p. 95).

Em 1995, a Cracolândia ganha uma primeira materialidade enquanto substantivo próprio. No dia 7 de agosto daquele ano, o Estadão imprime, pela primeira vez em papel, a palavra que define o nome da espacialidade. Um olhar mais atento à reportagem

¹¹ Fonte: Acervo Estadão, acessível em: <https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,era-uma-vez-em-sprodoviaria-da-luz,11065,0.htm>.

¹² Levantamento feito pelo autor.

“Polícia reforça combate a traficantes” permite inferir que ela fez mais que registrar geograficamente a Cracolândia.

A palavra que ela trouxe para referenciação gerou dois efeitos: o primeiro, para além da nomenclatura, de proporcionar uma delimitação territorial do primeiro dos vários pontos que viriam a ser ocupados por usuários e traficantes Brasil afora – mas não somente por eles –, criando um paradigma; o segundo, o que estabeleceu uma classificação dos frequentadores do local com predicados também usados pela sociologia¹³.

O detalhe mais importante do emprego da palavra Cracolândia é que ela, ao ser utilizada como nome, pavimentou a base da cognição a respeito de formações similares às da cidade de São Paulo. Basta ver que a partir da publicação houve o estabelecimento de um padrão de divulgação – os demais veículos passaram a adotar a denominação para referir-se ao espaço.

No caso da Cracolândia, a produção dos *media* (DIJK, 2005, p. 62) levou não só a uma reprodução sistemática do termo, como a oficialização dele, visto que “a maior parte do nosso conhecimento social e político e das nossas crenças sobre o mundo deriva das dúzias de relatos noticiosos que lemos ou vemos todos os dias” (DIJK, 2005, p. 63). Prova disso é a inclusão do verbete em dicionários. O Priberam, por exemplo, o traz com significação desde 2016, conforme Cláudia Pinto, do Departamento de Linguística do dicionário.

De acordo com ela, a inclusão de novos vocabulários se dá por sugestão de consulentes e por pesquisas em corpora. Ela acontece somente se a formação da palavra respeitar as regras ortográficas e morfológicas da língua portuguesa e se consagrados pelo uso. Esse é o caso da Cracolândia, uma versão aportuguesada das palavras inglesas “crack” – no seu significado mais recente¹⁴ – e “land”, que significa “terra ou terreno”.

Para agregar uma nova palavra, o Priberam realiza pesquisas em grandes conjuntos de textos (os corpora), em português e disponíveis na internet. As consultas

¹³ Os predicados usados para definir espaços como a Cracolândia são, em suma, os mesmos dos bas-fonds. Descritos como lugares, eles são sempre situados em “bairros baixos” e nos centros velhos das cidades. Uma reflexão mais adequada sobre a temática pode ser feita a partir da leitura do livro “Os Bas-Fonds – Memória de um Imaginário”, de Dominique Kalifa.

¹⁴ O crack surge na imprensa paulista, pela primeira vez, com o sentido de atleta habilidoso; depois, refere-se à falência bancária; e, mais tarde, passa a designar a droga feita a partir da mistura da cocaína e bicarbonato de sódio.

são feitas por meio de motores de busca¹⁵, os quais têm indexados milhões de textos variados (livros, jornais, blogues, redes sociais, etc.). Os termos são pesquisados, também, em obras lexicográficas contemporâneas e antigas. Entre elas, glossários e vocabulários. O objetivo é aferir se a palavra se encontra registrada e de que forma. No caso específico da Cracolândia, o verbete incluído pelo Priberam já estava dicionarizado em duas publicações. Aparece desde a versão 7.0 do Novo Dicionário Eletrônico Aurélio e na 5ª Edição do Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, ambas datadas do ano de 2010.

Para acrescentar o termo às suas produções, a Editora Positivo, responsável pelos dois últimos títulos, identificou o uso dele em periódicos, como Folha e outros, desde 2005. Entretanto, foi entre os anos de 2008 e 2009 que ele passou a figurar na lista de verbetes que constariam da edição seguinte. De acordo com a editora de dicionário, Sue Ellen de Lima Calvario Halmenschlager, a equipe de lexicografia verificou que a palavra cracolândia (em minúsculo) havia sido muito falada no ano de 2009, por conta de um programa de televisão, apresentado pelo jornalista Caco Barcellos.

De modo geral, a Cracolândia é mencionada pelos dicionários como “região de uma cidade, geralmente um grande centro urbano, onde se encontram traficantes e usuários de crack”. Essa significação decorre de uma dinâmica de ganhos e perdas culturais (MOSCOVICI, 2003, p. 39), relacionada a fragmentos de representações que geram classificações.

Uma palavra e a definição de dicionário dessa palavra contêm um meio de classificar os indivíduos e ao mesmo tempo teorias implícitas com respeito à sua constituição, ou com respeito às razões de se comportarem de uma maneira ou de outra – uma como que imagem física de cada pessoa, que corresponde a tais teorias. (MOSCOVICI, 2003, p. 39)

Uma vez difundido e aceito, todo novo conteúdo – caso da palavra Cracolândia – “se constitui em uma parte integrante de nós mesmos” (MOSCOVICI, 2003, p. 39).

¹⁵ Os motores de busca utilizam software conhecido como “aranhas” ou “robots” que percorrem a internet em busca da informação (documentos ou endereços de páginas web). Os dados são recolhidos para o index dos motores de busca, que cria uma base de dados com essa informação. Exemplos: Google e Yahoo!

Esse novo conceito permeia as inter-relações com os outros e muda a dinâmica de julgamentos e relacionamentos.

Moscovici aponta que as representações são criadas por pessoas não isoladamente e por grupos (como os formados por jornalistas), no decurso da comunicação e da cooperação. Uma vez estabelecidas, essas representações “adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem” (MOSCOVICI, 2003, p. 31).

De acordo com o autor, esse movimento dá oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto que as velhas morrem. Isso explica o fato de que, no início da formação, os frequentadores da Cracolândia terem sido classificados, em um primeiro momento, como criminosos, e, em um segundo, como doentes (MELO e MACIEL, 2000, p. 80).

Como representação social, a Cracolândia tem duas funções: convencionar e se impor (MOSCOVICI, 2003). A convenção se dá não só com relação ao espaço físico, mas na interpretação de quem são as pessoas que o frequentam e os acontecimentos ocorridos no entorno dele. Desta forma,

Mesmo quando uma pessoa ou objeto não se adéquam exatamente ao modelo, nós o forçamos a assumir determinada forma, entrar em determinada categoria, na realidade, a se tornar idêntico aos outros, sob pena de não ser nem compreendido, nem decodificado (MOSCOVICI, 2003, p. 34).

Já a imposição – por uma “força irresistível” (MOSCOVICI, 2003, p. 36) – é prescritiva e, portanto, pela natureza, fornece uma explicação pronta. E é o jornalismo, entendido como campo, o replicador dessa representação social pela convenção e pela imposição. A reportagem publicada pelo Estadão é uma amostra da aplicação dessas duas funções.

O texto que apresenta a palavra traz informações que associam o crack à violência e, ao mesmo tempo, denota o poder do campo. Isto, porque, tem o filtro do jornalista. De acordo com Bourdieu, esses profissionais “têm ‘óculos’ especiais e a partir dos quais veem certas coisas e não outras; e veem de certa maneira as coisas que veem” (BOURDIEU, 1997, p. 25).

Dito de outra forma, os jornalistas operam uma seleção e uma construção “do que é selecionado” (BOURDIEU, 1997, p. 25). Para tanto, usam dinâmicas distintas,

que variam conforme a natureza do meio de produção. Na televisão, a regra é a dramatização, o duplo sentido. Nos impressos, o trabalho é com as palavras não comuns, as extraordinárias.

Segundo Bourdieu, como regra, os jornalistas interessam-se pelo extraordinário, ou o que rompe o ordinário. Sendo assim, os media cotidianos devem oferecer cotidianamente o extracotidiano, o que pode explicar a falta de interesse dos profissionais em abordar a temática da Cracolândia, por exemplo, nos debates de televisão. Dos embates em 1996, 2008 e 2012, a territorialidade entrou na pauta apenas no último ano analisado. Ainda assim, por escolha de internautas; não dos jornalistas, nem dos políticos.

Essa constatação é resultado de análise de material em vídeo disponível pela internet. O processo envolveu, inicialmente, o download¹⁶ dos materiais que estavam disponíveis no site YouTube¹⁷. Neste ponto, é necessário fazer uma ressalva: os debates televisionados nos anos 2000 e 2004 não estavam acessíveis para consulta. Já os de 2016 não puderam ser incluídos, devido à quantia de confrontos realizados (primeiro e segundo turnos). Sendo assim, é preciso deixar claro que, dos vídeos possíveis de serem analisados – seis no total –, apenas em um deles a Cracolândia marcou presença nos debates.

Posteriormente à coleta do material, procedeu-se com a transcrição dos embates entre os candidatos em disputa à Prefeitura de São Paulo. A decupagem permitiu uma verificação integral dos conteúdos de dois embates nos anos de 1996 (primeiro e segundo turno); um em 2008 (primeiro turno); e três em 2012 (primeiro e segundo turno).

Mesmo sendo escolhida pelos internautas – 8% deles manifestaram pela abordagem do tema por parte dos candidatos –, a Cracolândia resultou em uma única pergunta. Na ocasião, José Serra, do PSDB¹⁸, debatia com Fernando Haddad, do PT¹⁹. O tucano perguntou ao petista a opinião dele a respeito da política de construção de clínicas, fosse diretamente pelo governo do Estado, fosse por entidades parceiras. Estas

¹⁶ O download é um termo que corresponde à ação de transferir dados de um computador remoto para um computador local. Essa cópia de arquivos pode ser feita tanto a partir de servidores dedicados (como FTP, por exemplo), quanto pelo simples acesso a uma página da Internet no navegador.

¹⁷ Serviço criado em fevereiro de 2005 e pertencente ao Google, empresa multinacional de serviços online e software.

¹⁸ O PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) é uma legenda política do Brasil. Ela foi fundada em 25 de junho de 1988 pelo ex-governador do Estado de São Paulo, Mario Covas, falecido em 6 de março de 2001

¹⁹ O PT (Partido dos Trabalhadores) surgiu da formação de militantes de oposição à Ditadura Militar, sindicalistas, intelectuais, artistas e católicos ligados à Teologia da Libertação, em 10 de fevereiro de 1980.

instituições, destinadas ao tratamento de dependentes químicos. Não houve abordagem à territorialidade.

Ao perguntar o que o adversário achava da questão, Serra evitou tocar no assunto e a falar de operações que geraram confrontos entre Polícia Militar e Guarda Civil Metropolitana e ocupantes. Na resposta, apesar de ter classificado uma das ações realizadas pelo governo do Estado na Cracolândia como um desastre e falado de um programa de combate à droga, lançado pela então presidente da República, Dilma Rousseff, Haddad defendeu um acolhimento ao usuário e uma parceria do município com o governo.

Serra, por sua vez, em réplica, criticou a aplicação de 8% do Orçamento da União para recuperação de dependentes e a oferta de leitos para internação (3.600 no ano de 2010) disponibilizados pelo governo federal. Na tréplica, Haddad apenas explorou declaração dada pelo adversário anteriormente à Rádio CBN, dizendo que ele teria assustado toda a população ao falar que iria monitorar quem tem propensão a consumir drogas.

O comportamento de ambos os candidatos e mesmo do jornalista mediador – Carlos Nascimento – é, do ponto de vista dos argumentos trazidos por este artigo, esperado. Em primeiro lugar, porque a dinâmica da circulação da informação, que é circular, estabelece uma hegemonia. Isso significa dizer que os produtos jornalísticos são iguais, independentemente dos veículos, pois “os jornalistas escrevem para jornalistas” (BOURDIEU, 1997, p. 33).

Para efeito de comprovação, cita-se a cobertura dada pelo jornal Cruzeiro do Sul, da cidade de Sorocaba, no interior de São Paulo, sobre uma operação para desocupar casas invadidas por usuários de crack. Na época, a publicação chegou a reportar em uma série de matérias jornalísticas a existência de dez minicracolândias no município. Em dia 4 de fevereiro de 2012, a Polícia Militar, a Guarda Civil Municipal, fiscais e assistentes sociais da Prefeitura de Sorocaba desocuparam dois imóveis. Ao todo, as forças de segurança retiraram 15 pessoas, dez da primeira casa e cinco da segunda. Os abordados seriam viciados e suspeitos de praticar furtos e roubos na região central.

Na mesma data que o jornal sorocabano exibiu matéria local, o Estadão divulgava a reportagem “PM terá mais cem homens em ação na cracolândia”. O texto informava que o então comandante-geral da Polícia Militar, coronel Álvaro Camilo,

celebrava o fim das aglomerações de usuários de crack na região da Luz. Respeitando-se as devidas proporções e particularidades, as duas notícias são fruto de uma mesma dinâmica.

Além disso, a abordagem a determinado tema consiste em uma premissa dos jornalistas. Pertencente ao campo das ciências, o jornalismo tem autonomia e, portanto, age como o responsável pelas demandas sociais. Em “Os Usos Sociais da Ciência – Por uma Sociologia Clínica do Campo Científico”, Bourdieu argumenta que “uma parte enorme dos problemas ditos sociais são, na realidade, produtos de uma espécie de circulação circular entre os jornalistas” (BOURDIEU, 2004, p. 76), gerando falsos problemas.

O poder de problematizar e que ajuda a estabelecer um raciocínio para a construção de paradigmas (de representação e de produção do discurso político) sobre a Cracolândia pode ser visto com propriedade na reportagem que traz a palavra ao grande público pela primeira vez. O texto retomado aqui, e assinado pelo jornalista Renato Lombardi, mostra no segundo parágrafo a que veio o jornalismo. Constante na página C3 do caderno Cidades, ele apresenta ao leitor um balanço dos trabalhos dos policiais que integravam a então recém-inaugurada Delegacia de Repressão ao Crack, mas não somente isto.

A delegacia fora implantada por meio do decreto 40.201, de 18 de julho de 1995 e ratificado por Mário Covas. Governador do Estado de São Paulo à época, ele criou via Dise (Divisão de Investigações Sobre Entorpecentes) a unidade ligada ao Denarc (Departamento de Investigações Sobre Narcóticos). A seção criminalística da Polícia Civil ficou assim constituída: 1ª Delegacia, destinada para repressão à maconha; 2ª Delegacia para combate a cocaína e opiáceos; a 3ª Delegacia voltada ao combate aos psicotrópicos; e a 4ª Delegacia especializada na repressão ao crack. Esta última teve os primeiros resultados divulgados pelo jornal “20 dias depois da inauguração”.

Na reportagem, há ênfase para os números. Tanto que o lide – “primeiro parágrafo da notícia em jornalismo impresso” (LAGE, 2005, p. 67) – traz quatro conjuntos quantificadores. O primeiro relacionado aos traficantes (48 detidos); o segundo, aos flagrantes (30 realizados pelos policiais da delegacia especializada); o terceiro faz referência às drogas apreendidas (centenas de pedras de crack e de papalotes de cocaína); o quarto e último, aos menores (15 envolvidos na venda do crack e 17 apanhados fumando).

As detenções de adultos e as apreensões de adolescentes ocorreram em três pontos (no centro e nas zonas sul e leste da capital). Mesmo assim, o texto informava que o policiamento teria continuidade apenas nas ruas do bairro da Santa Ifigênia conhecidas como Cracolândia. Como dito anteriormente, essa menção à espacialidade é a primeira feita por um veículo de comunicação de circulação nacional à região ocupada. A Folha de S. Paulo só começou a incluir o verbete para se referir ao espaço um ano depois²⁰.

A interferência do jornalismo pode ser ilustrada por uma menção, feita por Lombardi, ao reportar uma declaração do então diretor do Denarc, Fernando Vilhena. O jornalista relatou que a Delegacia de Repressão ao Crack fora criada depois das reportagens sobre a epidemia do crack publicadas pelo Estado. O texto traz um “olho”²¹ destacando o fato. As matérias mencionadas pelo profissional foram publicadas em julho de 1995.

Conclusões

Ocupando o “centro da ordem social” (DIJK, 2005, p. 15), a imprensa formula e difunde as atitudes sociais. Ao conduzir todo o processo de abordagem em torno de um determinado assunto, ela ocupa um lugar que deveria ser preenchido pelo microcosmo do campo político (BOURDIEU, 2011, p. 195). Desta forma, dita o modo como a temática deve ser tratada, cria modelos de representações, de políticas públicas e discursos políticos.

Dentro desse contexto, é possível avançar no raciocínio e postular que a fixação dos paradigmas facilitou uma contextualização por parte dos políticos, criando, a partir daí, certa dependência da produção da comunicação política. O que permitiu a eles optarem por determinados predicados e adjetivos, emoldurando discursos ora humanitários, ora reacionários. Ocorre que, independentemente da abordagem, essa dinâmica não permite evoluções.

Entendendo que os discursos são produzidos, ou modulados por meio do direcionamento da imprensa, o raciocínio mais provável que se pode ter é que pouco ou

²⁰ Pesquisa ao acervo digital da Folha de S. Paulo aponta que o jornal publicou o termo pela primeira vez na edição do dia 14 de maio de 1996. A palavra aparece na reportagem com o título “PM afirma ter recapturado 2 furtivos”

²¹ Recurso usado em jornais e revistas para apresentar os melhores trechos do corpo de texto. Em geral, é ampliado e estilizado para arejar o texto e chamar a atenção do leitor.

nenhum avanço na direção de uma solução da problemática da Cracolândia seja registrado.

Além disso, a verificar pelos estudos científicos produzidos até o momento, cujas atenções estão concentradas no sujeito, nota-se que a hegemonia não atinge somente os *media*. Está presente no campo científico, materializada nos estudos de natureza etnográfica. Não há qualquer problema com relação a essa abordagem científica. O ponto é que, a partir de uma análise do sujeito, mostrado como um ignorado pela sociedade, o que se ignora são os fenômenos por trás de tudo. Fenômenos estes que, por não estarem revelados, continuam a manter a ordem das coisas como elas se firmaram.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Rubens Camargo Ferreira; RUI, Taniele; SILVA, Selma Lima; MALVASI, Paulo Artur; VASCONCELLOS, Maria da Penha; GOMES, Bruno Ramos; GODOI, Tiago Calil. **Etnografia da cracolândia: notas sobre uma pesquisa em território urbano**. Florianópolis: Sau. & Transf. Soc., v.4, n.2, 2013: pp. 04-13.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. **Os Usos Sociais da Ciência**. Por uma Sociologia do Campo Científico. São Paulo: Unesp, 2004.

_____. **O campo político**. Rev. Bras. Ciênc. Polít., Brasília, n. 5, p. 193-216, jul. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522011000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 jul. 2019.

DIJK, Teun Adrianus van. **Discurso, Notícia e Ideologia. Estudos na Análise Crítica do Discurso**. Porto: Campo das Letras, 2005.

KALIFA, Dominique. **Os Bas-Fonds. História de um Imaginário**. São Paulo: Edusp, 2017.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

MELO, Julia Rízia Félix; MACIEL, Silvana Carneiro. **Representação Social no Usuário de Drogas na Perspectiva de Dependentes Químicos**. Paraíba: Universidade Federal da Bahia, 2000.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

RAUPP, Luciane; ADORNO, Rubens de C. F.. **Uso de crack na cidade de São Paulo/Brasil**. *Toxicodependências*, Lisboa, v. 16, n. 2, p. 29-37, 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/2M11Vkd>>. Acesso em: 31 jul. 2018.

RUI, Taniele. **Nas tramas do Crack: etnografia da abjeção**. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

SANTOS, Ednan Silva. **Planos migratórios na Cracolândia de São Paulo na década de 1990**. *Florianópolis: Rev. katálysis*, v. 21, n. 2, mai. 2018: pp. 336-344. Disponível em: <<https://goo.gl/PYDMZB>>. Acesso em: 01 dez. 2018.